

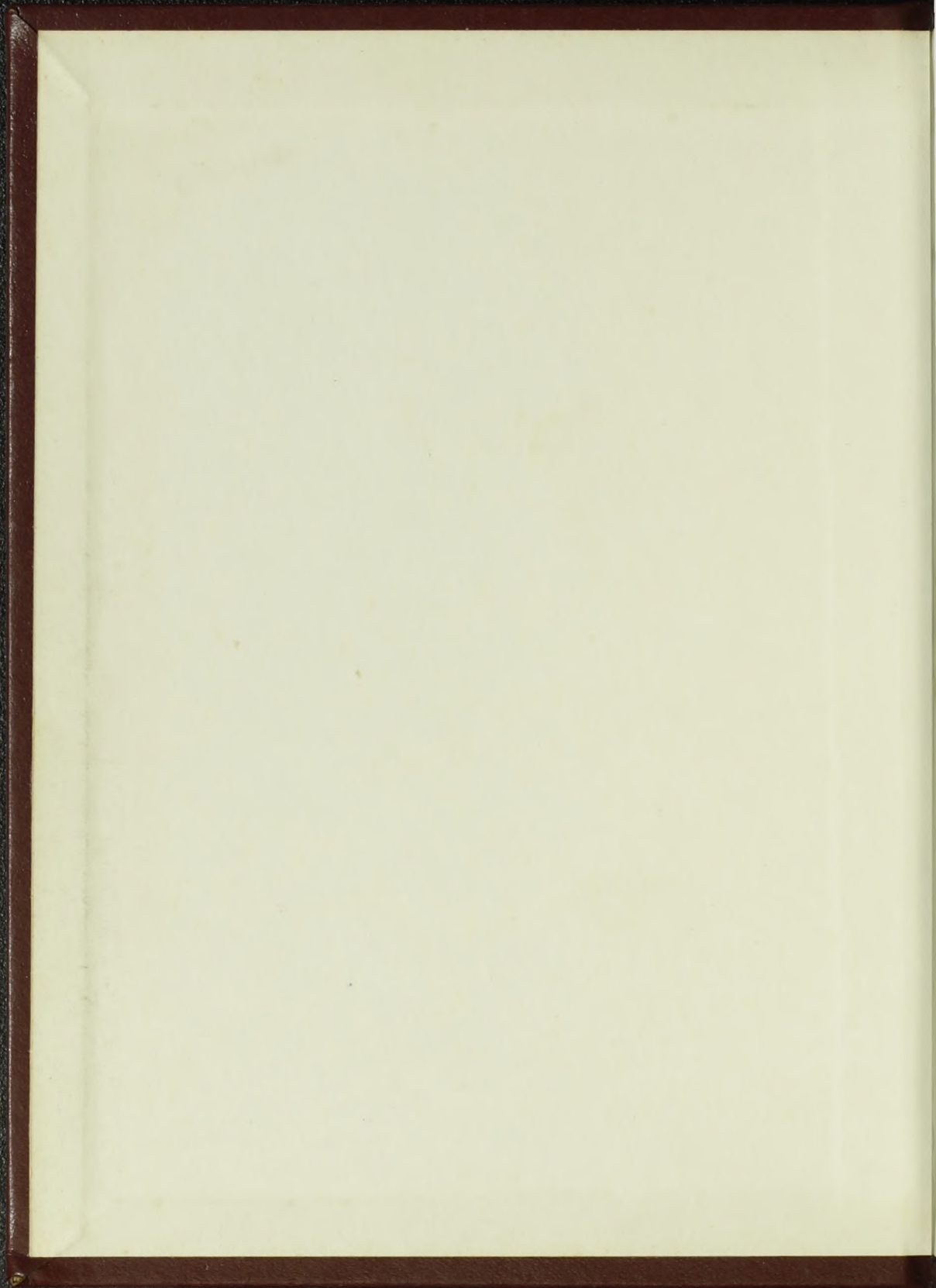
MORAES ALÃO

PORTO
GLORIOSO

PORTO

1743

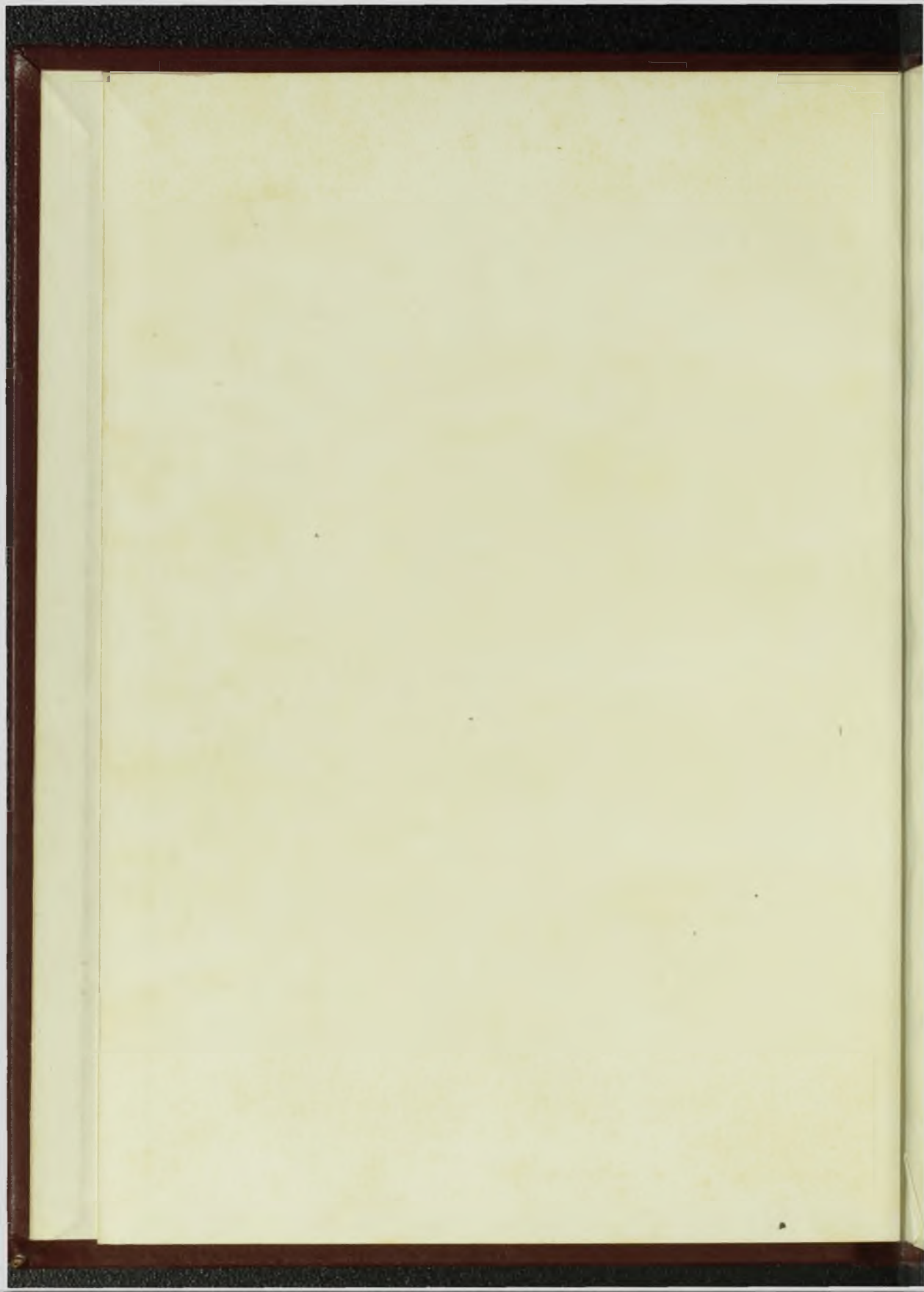
B.M.O.L.



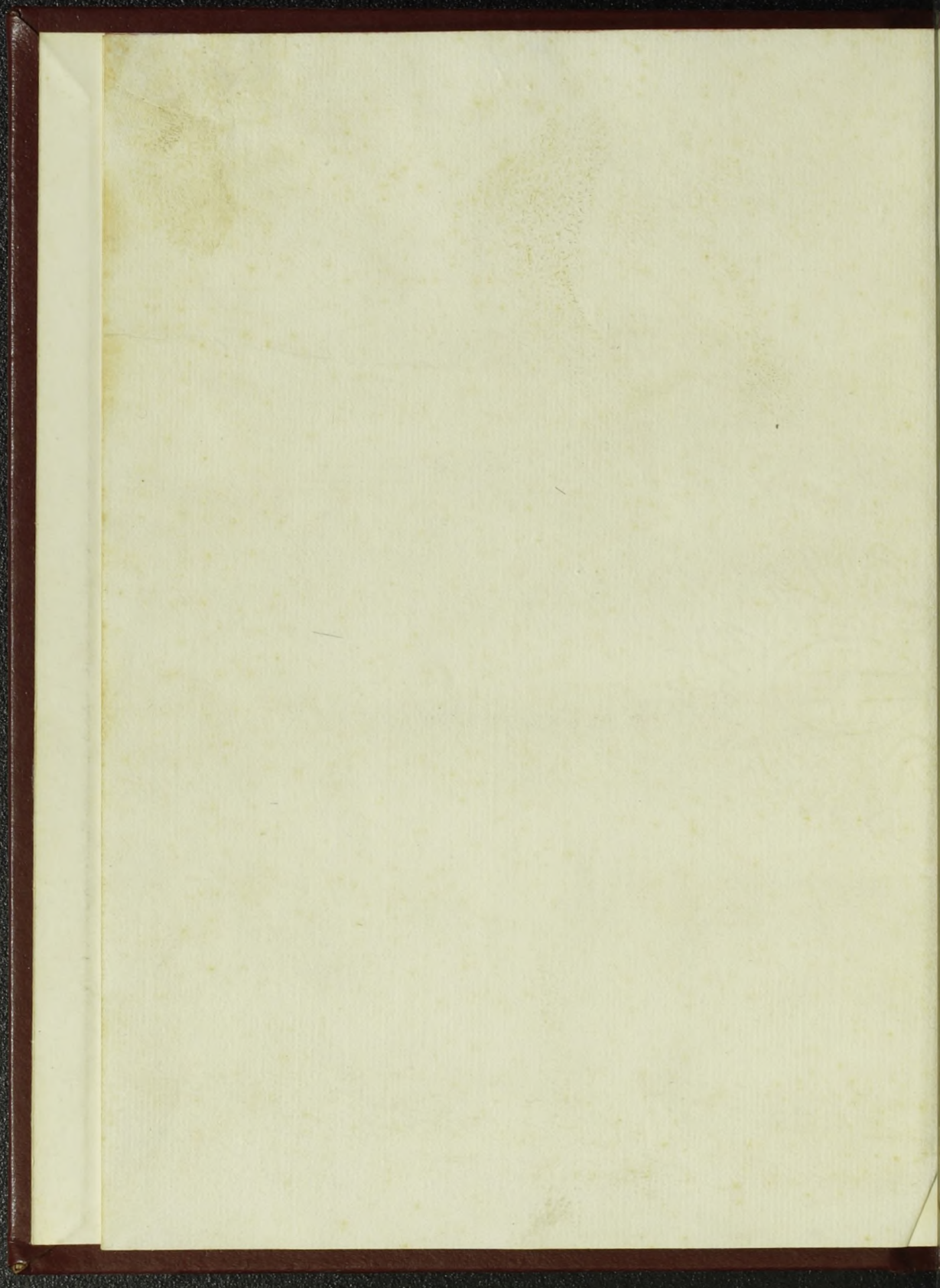
Magnum

Livro 11.9.83





M. L.



PORTO GLORIOSO POEMA

HISTORICO-PANEGYRICO

Na alegre, plausivel, e faustissima Entrada publica,
que no dia 5. de Mayo de 1743.

Fez na Cidade do Porto

O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FR. JOSE
MARIA DA FONSECA,
E V O R A ,

*Ex-Geral dos Menores, Prelado Domestico de Sua Santidade, Bispo
assistente ao Solio Pontificio, Especial Ministro na Curia Ro-
mana da Augusta Magestade Portugueza, Bispo do
Porto, do Conselho de Sua Magestade &c.*

OFFERECIDO AO MESMO
EXC.MO E REV.MO SENHOR
HERÖE do POEMA

Por

MARTINHO LOPES DE MORAES ALAO
Conego prebendado na Santa Igreja do Porto.

PORTO,

Na Officina de MANOEL PEDROSO COIMBRA,
Anno 1743. *Com todas as licenças necessarias.*

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"CRIGES LESA"

Tombo N.º 31348

MUSEU LITERARIO

EXC.^{MO} E REV.^{MO} S.^{OR}

AINDA que para
cantar as glorias do Por-
to na sempre magnifica
Entrada, que nelle fez
* 2 V.

V. Excellencia, era necessaria a consonancia de outra mais bem temperada Lyra, nem com esta reflexão pude reprimir o alento debil da minha penna, que agitada ao impulso de tanta gloria, quiz, inda que com pulso timido, fazer, que resonassem os ecos de tanta maravilha nos Orbiculares, e concavos espaços da posteridade.

E como não pude comprehender na minha voz, aquellas multiplicadas consonancias, que a fizessem quanto mais numerosa, mais doce;

*ce ; procurei ao menos intro-
duzir-lhe no numero , como
em mysterio, a cadencia, que
lhe faltava no accento, para
dezenpenhar o dezejo de
Persio*

Vatibus hic mos est, Cen- Perf. Satyr.
3.
tum sibi poscere voces,
Centū ora, & linguas op-
tare in carmina Centū.

*Nem podia em menor nume-
ro descrever-se huma acção,
que excedendo os limites do
pensamento, lhos pertende
constituir no pasmo; para
que fique só emprego da ve-
neração, o que nunca podia
acco-*

accomodar-se em todos os espaços da voz. Esta sem duvida foi a razão, que teve a providencia, para fazer que hum rayo prodigioso, apagasse com a sua luz a letra **C** no nome de **CESAR**, q̄ se achava gravado na peanha da sua estatua, porque como a letra **C** comprehende o numero de cento, e o **ESAR** significa a divindade (como explicaraõ os Augures) quiz dar a entender, que era improprio o numero de cento, expressado naquella letra, e unido a hum nome, que
inju-

injustamente queria Cesar a
propriar-se ; pois este mara-
vilhoso numero comprehende
em si toda a extençãõ do per-
feito.

Por este motivo naõ po-
dendo haver na minha at-
tençãõ a centenaria vista de
hum Argos ,

Argos eram prudens, & Hier. Ange-
rian.
habebã lumina Cētum
para observar de tanta glo-
ria as nunca bem compre-
hendidas circumstãcias, quiz
ao menos , que o Canto imi-
tasse aquelle admiravel Cen-
tiloquio de Tolomeu, com
que

este reverente sacrificio do meu culto, que não levando agudezas de aguia para contemplar tanto Sol, leva ao menos no numero dezempenhado todo o impulso do obsequio; à semelhança daquelle sacrificio a que os Gregos chamavaõ Hecatombe, no qual os Princeses sacrificavaõ em cem aguias toda a sua veneração: Si vero votum Imperatorum esset, Centum aquilæ mactabantur.

*Ex Cornel.
Tacit.*

Prosperere, e dilate o Ceo
a vida de V. Excellencia,
para

*para que nas Purpuras, e
Tiàras receba a coroa dos
seus merecimentos. Porto
Uc.*

De V. Excellencia

Subdito reverente, e obsequentissimo

Martinho Lopes de Moraes Alaõ.

LICENC,AS DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações , póde imprimir-se o Poema intitulado *Porto glorioso* , e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16. de Agosto de 1743.

Fr. R. Alencastre. Sylva. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

Póde-se imprimir, e depois de impresso torne para conferir, e dar licença para correr. Porto 13. de Setembro de 1743.

Velho.

D O P A C, O.

S E N H O R.

O Assumpto da obra intitulada *Porto glorioso* , que V. Magestade me manda examinar, he muito digno não só dos Elogios Poéticos, que permitem idéas fabulosas, porèm dos Panegyricos historicos, que só admittem as verdadeiras: pois do grande merecimento do Prelado, a quem celebra, não só testemunha a nação Portugueza, mas o foi a emulação que tem com as nossas as outras nações. O Author he de huma Familia, que cultivou com felicidade a Poesia, e a erudição. A obra, como tem bom estylo, e fraze poética, he digna de imprimir-se, e não há nella circumstancia que o embarece. Lisboa 30. de Agosto de 1743.

O Conde da Ericeira.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 5. de Setembro de 1743.

Pereira. Cardeal. Costa.

PORTO GLORIOSO

P O E M A

HISTORICO-PANEGYRICO.

I.

DO Porto as Glorias, e o Varaõ famoso,
 Que dos clarins da Fama occupa o brado,
 Aquelle Herõe, que vive portentoso
 Com o imperio da Fama levantado:
 Cantando escreverei, se he que engenhoso
 Póde o influxo delphico elevado
 Agora o canto introduzir sem susto
 De tanta admiração no espanto justo.

2.

Do sacro Coro a 'inspiração divina
 Implora humilde candida Camena,
 Que, a não ser a influencia peregrina,
 Desmayos ao furor o assumpto ordena:
 Pois as Glorias, e o Heroe, que determina
 Descrever atrevida, e rude a penna,
 Por ser assumpto sacro, e soberano
 Imperceptivel he ao discurso humano.

A

Mas

Porto glorioso

3.

Mas vós, Prelado egregio, heroyca empreza
 Deste metrico Canto dissonante,
 Supposto que humilheis vossa grandeza,
 Apollo me inspiray hum breve instante:
 Porque entãõ com aguda futeleza
 Na vea o Sacro Influxo palpitante
 Por vossa Inspiração sendo animado
 O Canto ficará todo fagrado.

4.

Sagrado, como o Assumpto, o Canto fora,
 Se elevando-se à mais sublime esfera
 Icaro a Muza não tivesse agora
 Para taõ alto vôo azas de cera:
 Na sacra inspiraçaõ, que a Muza implora
 Animada a este vôo se atrevera,
 Porém sendo a influencia inda divina
 Icaro na elevaçãõ teme a ruina.

5.

Se o famoso Camoens resuscitara,
 Se Virgilio, ou se Homero inda existira,
 Cada qual neste assumpto receara
 Entre as Muzas tocar de Apollo a lyra:
 Se as proprias cinzas Taffo hoje animara
 Nesta empreza tambem se confundira,
 Sendo sua elevaçãõ justo embarassõ
 A Virgilio, a Camoens, a Homero, a Taffo.

Tivera

Poema Historico-panegyrico. 3

6.

Tivera cada qual hoje confuza
Neste elevado assumpto a alta Camena,
Excogitando como havia obtuza
Vòo taõ alto dar metrica a penna:
Pois JOSE, cuja gloria já diffuza
Faz do theatro do Mundo breve scena,
Mayor Nome merece, e mayor fama
Que Eneas, Godofredo, o Grego, e o Gama.

7.

Excelsa fama, e Nome glorioso
Sobre todos JOSE tem alcançado,
Cujos merito he já prodigioso
Bronze no Capitolio eternizado:
Tem seu Nome immortal sempre famoso
Tanto o Globo Terraqueo admirado,
Que de heroycas acçoens immensa a soma
Canta o Porto, Lisboa, Evora, e Roma.

8.

Sua larga comprehenção, alta agudeza,
Aquilino discurso, e raro engenho
O fez ser com notavel futiliza
De empenhos Regios Regio dezempenho:
Do espirito magnanimo a grandeza
Nestas acçoens mostrou com tanto empenho,
Que da gloria immortal, que nisto alcança,
He clarim Portugal, Sardenha, e França,

Porto glorioso

9.

O Monarca mayor de toda a idade,
 O novo Salamaõ, que soberano
 He sem idolatria a Divindade
 Adorada no Reyno Lusitano:
 Com o vossõ coração tal igualdade
 Parece faz o seu mayor, que humano,
 Que conjecturo agora com effeito
 Serdes vòs o David daquelle peito.

10.

De Carlos Sexto Emperador famoso,
 Por quem a Europa na afflicção suspira,
 Esse, que já descança glorioso
 Nas celestes esferas de zafira:
 Na Curia por Ministro poderoso
 Sempre o vossõ talento lhe assistira,
 Se Jove das Estrellas no Hemispherio
 Lhe não reunisse a divisaõ do Imperio.

11.

Fosteis se dos Monarcas consultado
 Decisaõ do negocio mais profundo,
 Por isso geralmente venerado
 Oraculo mayor de todo o Mundo:
 Não no templo de Delphos colocado,
 Mas sim, se o justo applauso não confundo,
 Fosteis na antiga Roma sempre ovante
 Oraculo da Igreja Militante.

Poema Historico-panegyrico. 5

12.

Do Sacro Solio já Bispo assistente
Vos fez de Benedicto a Santidade,
Porque fosse a Heröe taõ pre-eminente
Igual ao coração a Dignidade:
Sempre o vosso talento, que eminente
Assombro há de viver de toda a idade,
Serà, se de Monarcas estimado,
Das Cabeças da Igreja venerado.

13.

Ao meu famoso Heröe, o Heröe mais raro
Do seculo presente o Mundo o aclama,
A cuja alta grandeza fer reparo
Inda pequeno applauso toda a Fama:
Numen taõ eminente, que preclaro
O seu merecimento mesmo exclama
Servir-lhe sem affecto lisongeiro
De esfera limitada o Mundo inteiro.

14.

Deste mayor Heröe entre os mayores
Real thesouro de prendas quasi immensas,
Quem poderà fallar, sem que os louvores
Degenerem por curtos em offensas!
Como póde o dezejo entre os ardores,
Ou do affecto entre as chamas mais intensas
Chegar hoje a louvalo, sem offendelo,
Se não chega o discurso a comprehendelo!

Mas

15.

Mas não lamente a Muza esta desgraça
 (Se bem mayor espirito lhe invejo)
 Pois toda a lingua emmudecida passa
 Os vossos elogios ao dezejo:
 Novo Alexandre sois da Ley da Graça,
 E inda mais que Alexandre já vos vejo,
 Pois sem vencer o Mundo em marcial guerra
 Fazeis emmudecer a toda a Terra.

16.

Muitas vezes já tendes excedido
 O tropheo de Alexandre decantado,
 Calou-se a elle o Orbe por vencido,
 Mas vós o emmudeceis por admirado:
 O temor fez no Orbe emmudecido
 De Alexandre o triumpho celebrado,
 E vós na admiração fazeis com effeito
 Calar-se o Mundo, por mayor respeito.

17.

Alexandre alcançou sem competencia
 De Felippe o triumpho, e o vencimento,
 Sendo a falta total de resistencia
 Negação do tropheo ao luzimento:
 Porém ostenta em vós clara a experiencia,
 Que as victorias do vosso entendimento
 Lograis, porque o triumpho mayor seja,
 Tendo competidora toda a inveja.

Poema Historico-panegyrico. 7

18.

Em marmores, e bronzes conservada
Existe de Alexandre inda a memoria,
Que em diversas estatuas celebrada
Das heroycas acçoens deixou a historia:
Porèm vós lograreis, porque elevada
Sobre todas se exalte a vossa gloria,
Em quanto o humano ser for existente,
De cada coração estatua vivente.

19.

Em Delfos, Roma, Athenas, e Olimpias
Estatuas a milhares se contaraõ,
Mas roubadas do tempo em breves dias
Despojos da lembrança só ficaraõ:
A vós com mais discretas fantazias
Permanentemente estatuas se preparaõ,
Que huns coraçãoes a outros succedendo
Hiraõ vossas estatuas renascendo.

20.

Vossos são já os coraçãoes viventes,
E sendo vossos fora atrocidade
Não serem ao vosso Nome reverentes
Eregidos padroens na eternidade:
Verá vossas estatuas permanentes
Fabricadas a mais diuturna idade
Não do alheo metal como o Colosso,
Mas sim dos coraçãoes triumpho vosso.

Vós

21.

Vós tendes suavemente conquistado ,
 Oh Heröe eminente , e circunspecto ,
 A todo o coração com o doce agrado
 De hum puro , fino , e paternal affecto :
 Por isso a venerarvos consagrado
 O humano coração chega discreto ,
 Mas cada hum , anelando a primazia ,
 Troca a veneração em idolatria.

22.

Assim he ; pois do Porto os excessivos
 Corações , entre todos singulares ,
 Dentro nos proprios peitos affectivos
 Erigem estatuas , levantando altares :
 E inda nestes cultos expressivos
 Do seu amor sincero , mil pezares
 Cada hum exprimenta , pois repara
 Ser a tanta Deidade indigna ara.

23.

Dos Portuenses os corações amantes ,
 Distintos entre todos os do Mundo ,
 Vendo-se da fortuna triumphantes
 Com culto vos adoraõ mais profundo :
 Menores são das horas os instantes ,
 Do que as adorações , com que jucundo
 Cada hum cordealmente vos venera
 Do peito amante na reclusa esfera.

Poema Historico-panegyrico. 9

24.

O Porto nestes cultos condecóra
De sua gloria a immortal felicidade;
Mostrando justamente vos adora
Quem já vos logra humana Divindade:
Porém que muito he, que o Porto agora
Vos adore, com sábia novidade,
Se para assumpto da immortal historia
De vós se lhe origina toda a gloria.

25.

Vossa sacra presença tem já feito
Exceder tanto os termos de ditoso
Ao Porto feliz, que com effeito
A jaçtancia hoje tem de Glorioso:
E por isso os altares, que no peito
Cada qual vos consagra vanglorioso,
Tendo em si vosso Numen colocado,
Nelle adoraõ da gloria o fiel traslado.

26.

Era incessantemente appetecida
Com affecto abrazado, e ancia intensa,
Aquella felicidade prometida,
Que tinha a segurança na presença:
O Porto suspirava, porque unida
Via sua esperança à dor immensa,
E quando da esperança se alentava
Na dilação do logro desmayava.

B

Alentos

27.

Alentos a esperança lhe infundia,
 Desmayos o dezejo na tardança,
 E a dor cruelmente confundia
 Em todos o dezejo com a esperança:
 O Porto nova Creta entã se via,
 Pois, no pouco que a Muza inda hoje alcança,
 Da saudade cruel entre os lamentos
 Confundia os desmayos com os alentos.

28.

Porèm, assim esperando, parecia
 O Porto, quando amante suspirava,
 Que do dezejo o incendio mais ardia,
 Quando a dilacão mais lho apagava:
 O leme da esperança não perdia,
 Pois quando na tormenta fluctuava,
 Inda estando na dor confuso, e absorto,
 Da Boa esperança se aclamava Porto.

29.

Pois que he isto, Senhor, que já confuza
 Não póde comprehender tanto mysterio
 Na esperança a idea estando obtuza,
 E nos dezejos o discurso aëreo!
 Aqui admirada não soa Muza,
 Mas pasma do Parnázo todo o imperio,
 Pois a discernir bem não alcança
 Do dezejo o mysterio, e da esperança.

Porèm

Poema Historico-panegyrico. 11

30.

Porèm que ha de ser, se conhecia
O Porto com justissima vangloria,
Que da vossa presença se lhe havia
De diffundir a todo immensa gloria!
Sois a gloria, que o Porto appetecia
Com affecto, e com ancia bem notoria
Tendo della em dezejo, e em esperança
Realidade inda mais, que semelhança.

31.

Mas, oh Porto feliz! Ditofo agora
Mil vezes te contemplo, e o mais jucundo,
E já no Occaso o Sol, no berço a Aurora
Celebrado te fazem em todo o Mundo:
Foi preciso sentires a demora
Deste gosto, que logras mais profundo,
Que da imaginação sempre he delyrio
Alcançar-se huma gloria sem martyrio.

32.

Na gloria, que alcançastes suspirada,
Huma vez, e mil vezes to repito,
Do dezejo, e esperança dilatada
O premio conseguistes infinito:
Na lembrança, a saudade já riscada,
Toda a magoa, e pezar deixe prescrito,
E nisto mostraràs sempre famoso,
Que tendo a gloria em ti, estàs Glorioso.

33.

No dia primeiro do florente Mayo
 Final termo pozestes à esperança
 Da luz glorificando-te esse rayo,
 Que já vinha illustrando a visinhança:
 Bem deste feliz Mez póde Tamayo
 Elogios cantar com segurança,
 Pois por levar a todos a victoria
 He mez, que principia pela gloria.

34,

Oh Mez! Não só feliz, porém sagrado
 Já desde a tua origem conhecido;
 Jove, de quem teu nome he derivado;
 De Mayo por mayor teve o appellido:
 Tu fazes, que no Globo levantado
 Nasção Estrellas, que o ostentem mais luzido,
 E no Globo, que o tempo não consome,
 Em huma Estrella gravas o teu nome.

35.

Em ti teve ditoso nascimento
 JOSE, o Casto Esposo de MARIA,
 Esse da Graça superior portento,
 Em quem a mesma Graça se excedia:
 Hoje com dous Josés teu luzimento
 Brilhará na Celeste Monarquia:
 Se ventura hum José te deu notoria,
 Theatro outro José te faz da Gloria.

Poema Historico-panegyrico. 13

36.

No primeiro de Mayo venturoso,
Tantas vezes do Porto suspirado,
Dia, que ha de ser sempre, por ditoso,
Nas Cronicas da Fama decantado:
No dia, em que o Diluvio rigoroso
Seu impulso abatia arrebatado,
O Porto suspendeo outro diluvio
Das lagrimas seccando-lhe o Danubio.

37.

Neste dia feliz toda a Nobreza
Igualmente huma, e outra Jerarquia,
Ostentando magnifica grandeza
Effeitos da Portuense galhardia:
Dos sinceros affectos a fineza
Cada qual venturoso entaõ seguia,
E para o bem, que cada hum buscava
Era estrella o dezejo, que o guiava.

38.

Do Porto toda a Plebe alvoroçada,
Dos gloriosos eccos attrahida,
A Cidade deixava despovoada
Solitario dezerto convertida:
De carruagens vistosas toda a estrada
Se enchia com a pompa mais luzida,
Constituindo o fausto desta sorte
A Cidade dezerto, a estrada Corte.

39.

Já todos igualmente diligentes,
 Mostrando nos affectos semelhança,
 Corriaõ a buscar impacientes
 O termo do dezejo, e da esperança:
 Nos coraçõens, espiritos ardentes,
 O elemento veloz, que naõ se alcança,
 Com suave vigor indo soprando,
 Correndo os naõ levava, mas voando.

40.

Do Porto, em huma legoa de distancia,
 Mandou significar-lhe o seu Cabido
 O esperava com aquella ardente ancia,
 Com que o tinha já há muito appetecido:
 Hum Arcipreste, e hum Gouvea, que jactancia
 Póde ter cada hum por escolhido,
 Foraõ os dous, que, justamente eleitos,
 Na acção dezempenharaõ os nobres peitos.

41.

Mas inda naõ cessando o puro affecto,
 Que do Cabido no coração ardia,
 Ao qual o appellido, e o epitheto
 De Mongibello ardente pertencia:
 Para o Numen buscar cada hum discreto
 Do corpo universal se dividia,
 E o corpo assim diviso lhe mostrava,
 Que cada parte delle o venerava.

42.

Leva o vosso Cabido, Herõe sagrado,
A' mayor veneraçãõ triumpho, e palma,
Pois feu affecto em chamas abrazado
He caracter, que o amor lhe imprimio n'alma:
Tanto vive no affecto arrebatado,
Que o recrea do incendio a ardente calma,
Pois sem appetecer o desafogo
Se alenta Salamandra neste fogo.

43.

De venerarvos vive unicamente,
Sem illusaõ fantastica, ou fingida,
Pois sempre da cabeça pre-eminente
Se alenta o coraçãõ, se anîma a vida:
Seu alento estaria já cadente,
Se com veneraçãõ a mais rendida
Sobre sua cabeça não trouxesse
Essa sacra Cabeça, que o ennobrece.

44.

Naõ digo inda, Senhor, o que devia,
Nem o que finto digo, que a Camena,
Para o voo, que agora dar queria,
Hum escrupulo cruel lhe corta a penna:
E no gostoso assumpto, que seguia,
A perpetuo silencio me condena;
Porque em mim mostrarà a fraternidade
Suspeiaõ parecer, o que he verdade.

De

45.

De fangue Regio o Coronel illustre,
 Mavorte, que das Armas no governo,
 Merece, sem dos Astros ser dislustre,
 Na quinta esfera ter assento eterno:
 Dispondo os batalhoens com todo o lustre
 Ostentaçãõ fazia do amor terno,
 E se das vozes só o naõ fiava,
 Pelas lingoas de fogo o publicava.

46.

Com todos os Prelados Religiosos,
 O Ecclesiastico, e grave Ministerio,
 Montados em quadrupedes briosos,
 Hum concurso faziaõ nobre, e serio:
 E toda a mais Nobreza em seus pomposos
 Edificios, que no elemento aëreo
 Se fabricaõ, por serem diligentes,
 Em columnas voluveis, e viventes.

47.

Affim Nobreza, e Povo o acompanhava
 Enchendo os valles, e croando os montes,
 Formando, a qualquer parte que se olhava,
 O concurso longinquos Orizontes:
 Cada qual neste gosto transformava
 Aos olhos de lagrimas em fontes,
 Porque busca hum prazer, que excede o peito,
 Dos olhos o refugio neste effeito.

O meu

Poema Historico-panegyrico. 17

48.

O meu Heröe com candida ternura,
E a todos com a Benção consolando,
Hia, do coração com a candura,
Mais Mundos, que Alexandre, conquistando:
Já de Thetis a rara fermosura
O Sol hia no thalamo buscando,
Quando o Numen entrou na amenidade
Do folitario Valle de Piedade.

49.

No Valle, em que doces ao fresco tece
O lavor natural emulo d'arte,
E onde derretido o crystal desce
Dividida Aretuza em qualquer parte:
Mas se na cama verde se adormece
A pura fonte, que crystaes reparte,
Por ser sempre infiel sua candura,
Da cama em que descança inda murmura.

50.

Nesse Valle sombrio, e deleitoso,
Que nas margens do Douro crystalino
Delle mesmo he esmalte precioso,
Que o deixa com quilates de mais fino:
Beija-lhe o Douro o pé vanglorioso
Reconhecendo-o quasi por divino,
Que muito, se respira santidade
Todo o Valle, na austera Soledade!

C

Nesse

51.

Nesse Valle feliz, aonde existe
 Sempre da Primavera o alegre riso,
 E que na margem do Douro aonde assiste
 Das agoas sempre he gentil Narciso:
 Onde toda a delicia inda consiste
 Do fertil, e terreno Paraíso;
 Ahi, entre prazer o mais jucundo,
 Entrou este primeiro Homem do Mundo.

52.

Primeiro Homem com razaõ lhe chamo,
 E assim o manifesta a experiencia,
 Pois na Arvore colheu de ramo em ramo
 Os fazonados frutos da Sciencia:
 Homem primeiro justamente o aclamo,
 Porque soube emmendar a negligencia
 De hum, que perdeu da Graça a regalia,
 Para deixar a este a primazia.

53.

Primeiro Homem sois, Numen preclaro,
 Por cem bocas a Fama assim o confessa,
 E o Mundo de fortunas sempre avaro
 Por Pay universal vos interessa:
 Com vosco, Homem primeiro, já reparo
 Novo Mundo, no Mundo hoje começa,
 E se confessaõ os alentos nossos
 Naõ já filhos de Adaõ, mas filhos vossos.

54.

Feitas as ceremonias costumadas,
Quando já usurpava a noite ao dia
A luz, de que as Estrellas namoradas
Entre todas fiel se repartia:
Quando as luzes das trevas separadas
Huma sombra com outra se escondia;
Recolheo-se o Heröe, deixando absorto
Em geraes faudades todo o Porto.

55.

Nessa alegre estação sempre vistosa,
Que orna de esmeralda a Primavera,
E que melhor, que nunca deliciosa
Então se via, do que d'antes era:
Porque nella com pompa magestosa
Terreno o Paraiso renascera,
Transformando, com rara novidade,
Em campo Elizio, ao Valle de Piedade.

56.

Ali toda a Cidade concorrendo
Hia ver ao Heröe, com quem fallando,
No favor, que ella hia recebendo,
Hia elle os agrados conquistando:
Princepe grande fois, porèm vou vendo,
Oh Numen circunspecto, e venerando,
Se formarà da Terra no hemispherio
Do humano coração o vosso Imperio.

57.

Ao menor focego sempre izento
 Ali vos viaõ todos, que elevado,
 Com affombro commum, geral portento,
 Trazieis sempre o espirito occupado:
 Já dando universal contentamento
 Ao Porto, recebendo com agrado,
 Com affecto, e fineza esclarecida,
 O feudo da obediencia mais rendida.

58.

Já dispondo, ensinando, e dirigindo
 O triumpho da Entrada gloriosa,
 Em cada instante o espirito assistindo
 A tanta variedade portentosa:
 Nas Ceremonias todos instruindo,
 Não se negando a acção laboriosa,
 E appetecendo só por este meyo
 Seguir-se ao seu trabalho o acerto alheo.

59.

Desse Ciro mayor calẽ as historias
 O applauso, que lhe davaõ de occupado,
 Sendo o trabalho a croa das victorias,
 Com que se fez no Mundo venerado:
 Do Macedonio Eròpos cessem as glorias,
 Com que o fez este effeito celebrado;
 Que em vòs egregio Principe admiro
 A Eròpos huma sombra, hum nada a Ciro.

He

Poema Historico-panegyrico. 21

60.

He sempre vosso espirito occupado
Admiração, e pasmo da experiencia,
Em cujo manifesto o mais sagrado
Se ostenta das virtudes a eminencia:
Já lá quiz o Gentilico cuidado
Venerar a Virtude com decencia,
E achando improprios todos os lugares,
Só no trabalho lhe erigio altares.

61.

Para a Entrada do meu Heröe sagrado,
De Mayo o quinto dia venturoso
Foi pela Providencia destinado
Theatro do triumpho mais pomposo:
Dia, que do Olivete levantado
Ao Ceo se exaltou Christo glorioso,
Sempre reconhecido nas memorias
Por dia de triumphos, e de glorias.

62.

Mas, oh Dia feliz! Se o tempo agora
A duraçãõ te opprime em curta esfera,
Lá nos rayos do Sol, luzes d'Aurora
Tua vida immortal se recupera:
Cada luz confessando toda a hora,
Que tua grande ventura a ennobrecera,
E que mais do que a luz a tua idade
O espaço occupará da eternidade.

63.

Era na madrugada deleitosa,
 Quando promete o dia a clara Estrella,
 Crepusculo em que logra côr de rosa
 O Turquezado Ceo, que he prado della:
 Quando enchia já a Terra faudosa
 Do mimoso rocio a Aurora bella,
 Aljofar derramando copioso,
 Com que fazia o dia precioso.

64.

Neste tempo rompiaõ já o vento
 Os eccos dos clarins por toda a parte,
 Podendo originar belico o accento
 A Belona temor, e susto a Marte:
 Mas destra a consonancia do instrumento,
 Empenhando no engenho toda a arte,
 Na confusa, e na belica armonia
 Alentos inspirava de alegria.

65.

Nas Praças, e Terreiros se formavaõ
 Os Corpos militares da Cidade,
 Onde tambem por ordem se ajuntavaõ
 De Ordenanças do Termo a immensidade:
 As ruas do Triumpho estas bordavaõ,
 E os outros seguindo a suavidade
 Do belico instrumento, em marcha egregia,
 Hiaõ dar a Miragaya a salva regia.

Com

66.

Com as tapeçarias preciosas
Se viaõ as janellas bem ornadas ;
E as ruas , como entaõ nunca vistosas ,
Todas estavaõ com primor toldadas :
Sendo as distintas armações pomposas
Em successivo corpo organizadas ;
Pois naõ lograva a vista neste enlevo
Mais que ornato commum , geral aceyo.

67.

Já , para ser ao Porto conduzido ,
Do Douro hiaõ logrando a fermosura
Os dous Capitulares , que o Cabido
Discreto interessou nesta ventura :
Hum Thesoureiro mór , e hum conhecido
Campos , que Magistral he de Escritura ,
Foraõ os dous , que , nesta heroyca empreza ,
Canonizaraõ do animo a grandeza.

68.

De embarcaçoens o Douro já se enchia ,
Das quaes alegremente matizado ,
Sobre campo de prata parecia
Achar-se com primor entaõ bordado :
Porèm mais precioso entaõ se via ,
E mais rico esse Douro dilatado ,
Que era , tendo do Offir todo o thesouro ,
Bordado de matiz em campo d'ouro.

69.

Ao meyo da carreira o Sol chegava,
 Quando já o Heröe esclarecido
 No escaler precioso se embarcava
 Com os dous Deputados do Cabido:
 E tambem justamente o acompanhava
 O illustre Coronel, que engrandecido,
 Aceando o escaler a todo o custo,
 O deixara no empenho o affecto justo.

70.

Fermoso Douro meu, quaõ differente
 Do que já te cantei, te canto agora;
 Phlegetonte entaõ eras na corrente,
 Hoje o mesmo Pactolo te en-namora:
 Phlegetonte infernal tua grossa enchente
 Entaõ te transformou, mas hoje Flora,
 Se na pompa, que ostentas bem se adverte,
 Em jardim delicioso te converte.

71.

Esse susurro teu, que brandamente
 Faz impressaõ suave nos ouvidos;
 He musico canoro, que excellente
 Vay cantando com destros sustenidos:
 Aos quaes acompanhaõ docemente
 Os royxinoes, que em ternos divididos
 Saõ tipples, que, o susurro acompanhando,
 Da alegria ao compasso vaõ cantando.

Discorreu

72.

Discorreu pelo Douro , ennobrecendo
Ao mesmo Douro , o Numen soberano ,
Que , como Sol nas agoas , foi fazendo
O Douro transformar-se em Oceano :
E por essa razão o Douro entendo ,
Que , entre tanta fineza entãõ infano ,
Mostrava , da fineza sem desdouro ,
Que já era Oceano , o que foi Douro.

73.

Qual novo , e melhor Argos , navegava
Pelas agoas do Douro cristalino
O aceado escaler , que em si levava
Mais requezas , que o aureo Velocino :
Nas ondas em que o Douro se empolava
Parece , que no Globo diamantino ,
Qual Argos transformado em luzes bellas ,
Colocava o escaler entre as Estrellas.

74.

De madeira huma ponte fabricada
Tinha o mais puro affecto já disposto ,
De alcatifas , e sedas bem ornada
Da vista enlevo , e attracção do gosto :
E sendo ao desembarque destinada ,
Tinha tudo por ordem taõ bem posto ,
Que o escaler , junto a ponte , parecia
Hum que se dilatava , outra crescia.

75.

Nos braços de feus subditos amantes,
 E de muita nobreza acompanhado
 Toda a ponte passou, que sobre Atlantes
 Se sustentava do cristal dourado:
 Em todo o tempo as salvas fulminantes
 Bramiaõ como rayo disparado,
 Naõ se ouvindo em hum, e outro Elemento
 Mais que das salvas o estrondoso accento.

76.

Na cadeira de mãos, que preciosa
 He da riqueza copia resumida,
 De Monchique venceu a trabalhosa,
 A violenta, e asperrima subida:
 Na Igreja tinha a ancia Religiosa,
 Sagradamente entãõ desvanecida,
 Hum Trono precioso levantado
 Em pórfido de affectos sustentado.

77.

Entrou na Igreja o Numen, onde estava
 Do Mosteyro do Porto Franciscano
 Toda a Communiade, que o esperava
 Cõ as Ceremonias do Ritual Romano:
 Celeste Gloria a Igreja se ostentava,
 Sustituindo entãõ mais soberano,
 Nos accents da musica canoros,
 Hum Seraphico Coro nove Coros.

E ben-

Poema Historico-panegyrico. 27

78.

E benzendo o concurso Religioso,
Na cadeira desceo toda a calçada,
No fim logo da qual montou ayroso
Na Mula, que de roxo estava ornada:
Cada Capitular no seu brioso
Cavallo, o acompanhava na jornada,
A qual seguia com pomposo lustre
O Estado egregio, e a Familia illustre.

79.

Affim foi a jornada proseguida,
Em cuja ostentaçaõ, a mais vistosa,
Toda a alma, dos olhos attrahida,
Se avaliava entãõ por gloriosa:
Com ancia nunca affaz encarecida
Jã estava na Tarima preciosa
O Corpo do Cabido, e com desvelo
A alma se adiantara a recebelo.

80.

Jã perto da Tarima em fim chegando
Da Mula se apeou, e o Cabido
O recebeo, no affecto alli mostrando
O tinhaõ os corações já recebido:
A Cruz deosculou, genuflectando,
Que ministrou, de capa revestido,
Quem com esta honorifica incumbencia
Mostrava da Pessoa a pre-eminencia.

81.

Era a Tarima hum mixto precioso ,
 Porque da variedade , que se ornava ,
 Hum campo de riquezas espaçoso
 Para assombro dos olhos se formava :
 No fim della hum Trono primoroso
 Debaxo de hum Docel se levantava ,
 Onde por Assistentes do Cabido
 Foi Pontificalmente reveſtido.

82.

Naõ tem Crefſo riqueza , e Midas ouro ,
 Que as Pontificaes vestes na grandeza
 Excedendo dos Midas o theſouro ,
 Desprezavaõ dos Crefſos a riqueza :
 Entre candido argento , e metal louro ,
 Com pedras de puriffima fineza
 Mil vezes abatidos com excesso
 Fica o Midas precioso , e o rico Crefſo.

83.

Principiou o Triumpho glorioso
 (A que a Bagagem copioſa precedia)
 No Eſtandarte da Camera pompoſo
 Seguido da Nobreza , e Fidalguia :
 Com eſtado cada hum maravilhoſo
 Por diſtintiva ordem ſe ſeguia ,
 Moſtrando cada hum na que levava ,
 Que em tudo a Regia Ordem ſe obſervava.

Todas

Poema Historico-panegyrico. 29

84.

Todas as Confrarias da Cidade
A' illustre Familia hiaõ seguindo,
E cada qual por sua antiguidade
Se hia no Triumpho repartindo:
Naõ faltava exemplar Comunidade,
Que, ao egregio Triumpho profeguindo,
Naõ fosse, no prazer que hia ostentando,
A' mayor veneraçãõ exemplos dando.

85.

Do Porto, e seus suburbios todo o Clero
Ao soberano Triumpho acompanhava,
Cuja candura do amor sincero
No candido das vestes se ostentava:
De pedras preciosas, e ouro mero
Seis Mitras se seguiaõ, que humilhava
De Eneas cada huma o ramo de ouro,
E de Hercules o Hesperido thesouro.

86.

Continuava o Cabido, suavemente
Sempre Psalmos, e Hymnos entoando;
E logo em hum cavallo nobremente
O Sacro Numen corações pizando:
O Porto com affecto reverente
Os corações aos pés lhe hia prostrando,
Das ruas pertendendo, com portento,
Bordar de corações o pavimento.

Debaxo

87.

Debaxo do feu Pallio precioso
 O recebeu à Porta da Cidade
 Da Camara o Senado venturoso
 Com esta autorizada dignidade:
 E para todo o Triumpho glorioso
 Da Nobreza escolheu com igualdade
 Parciaes, que, nas glorias triumphantes,
 Do portatil Docel fossẽm Atlantes.

88.

Do cavallo o fiel, e as estribeiras
 Hiaõ por tres Fidalgos assistidas
 Das mayores, illustres, e primeiras
 Familias Regiamente ennobrecidas:
 Sem illusoẽs ficando lisõgeiras
 Entaõ suas nobrezas mais luzidas,
 Pois, domando melhor ao nobre Etonte,
 Mais lustres conseguiaõ, que Faetonte.

89.

Por nobre Caudatario deste dia
 Dom Diogo de Soufa foi escolhido,
 Esse, que faz com a illustre fidalguia
 Das Armas o governo esclarecido:
 Mas deste novo emprego lhe nascia
 Ficar ao Sacro Numen taõ unido,
 Que do Jove mayor a divindade
 O fez seu Ganimedes na amizade.

90.

Logo se via o Chanceler famoso ,
Esse, que no governo da Justiça
Póde deixar a Minos invejoso ,
E a Rodamanto originar cobiça;
Em hum bruto fiel, e generoso
Com planta nobremente movediça,
Ao qual hia seguindo immediato
De toda a Relação o Regio acto.

91.

Regiamente o Triumpho se adiantava ,
Ao qual (amplamente dilatado)
Com o mesmo Chanceler o acompanhava
Da Relação do Porto o Real Senado :
Sempre illustre o Triumpho se ostentava ,
Porèm, da Relação acompanhado ,
Mostrou, por ser em tudo o mais egregio ,
Que passava de illustre , a Triumpho Regio.

92.

Affim foi o Triumpho proseguindo
Pelas vistosas ruas da Cidade ,
Ao qual nobremente concluindo
Hia do eximio Estado a magestade :
Dos sinos o estrondoso ecco bramindo
Da confusão fazia suavidade ,
Pois na alegre desordem se advertia ,
O que era confusão, ser armonia.

Pelas

93.

Pelas ruas o Triumpho hia passando
 Com pompa egregia, e fausto peregrino;
 E entãõ, qual Roma, o Porto admirando
 A triumphante entrada de Tarquino:
 A' Cathedral illustre já chegando,
 Quiz colocar o Triumphador divino
 No elevado, e Pontificio Solio
 Do Triumpho sublime o Capitolio.

94.

Ali logo ao Herõe, Numen sagrado,
 Com veneraçãõ culta, e com decencia,
 O Cabido, e da Camara o Senado
 Lhe foi render o feudo da obediencia:
 De todos geralmente acompanhado
 No seu Palacio entrou, e a diligencia
 Militar novamente lhe rendia
 Nas Reaes salvas trinada bataria.

95.

Naõ triumphou em Roma tanto Augusto,
 Nem triumphou melhor Domiciano,
 Naõ foi por timbre do valor robusto
 O triumpho de Pompõo mais soberano:
 Deixa a todos nos extazis do susto
 O novo Triumphante Lusitano,
 Porque sabe exceder em seus tropheos,
 Domicianos, Augustos, e Pompõos.

Poema Historico-panegyrico. 33.

96.

Que muito, Numen Sacro, que assim seja,
(Clamaõ os Portuenses venturosos)
Que muito póde ser em Vós se veja
Exceder os triumphos mais famosos!
Se para confusaõ de toda a inveja,
Nós os Portuenses gloriosos,
Logramos do Triumpho, por victoria,
No merito do amor, visível gloria.

97.

Pois se a gloria do Mundo só consiste
Em hũa uniaõ pacificada,
Essa accidental gloria ao Porto assiste,
E assistirà com vosco dilatada:
Fazei, que, na concordia aonde existe
A gloriosa delicia abreviada,
Fique, para ser sempre venturoso,
O Porto eternamente Glorioso.

98.

Vós, Numen mayor, que com effeito
Na Orbicular esfera dilatada
Cõ o Nome, e Nascimento, tendes feito
A Evora Gloriosa, e Illustrada:
Seja o Porto de vós taõ bem aceito,
Cidade de MARIA nominada,
Que sejaes, Oh JOSE, sempre amoroso
Se Pay dos Filhos, da Cidade Esposo.

E

Vivei

99.

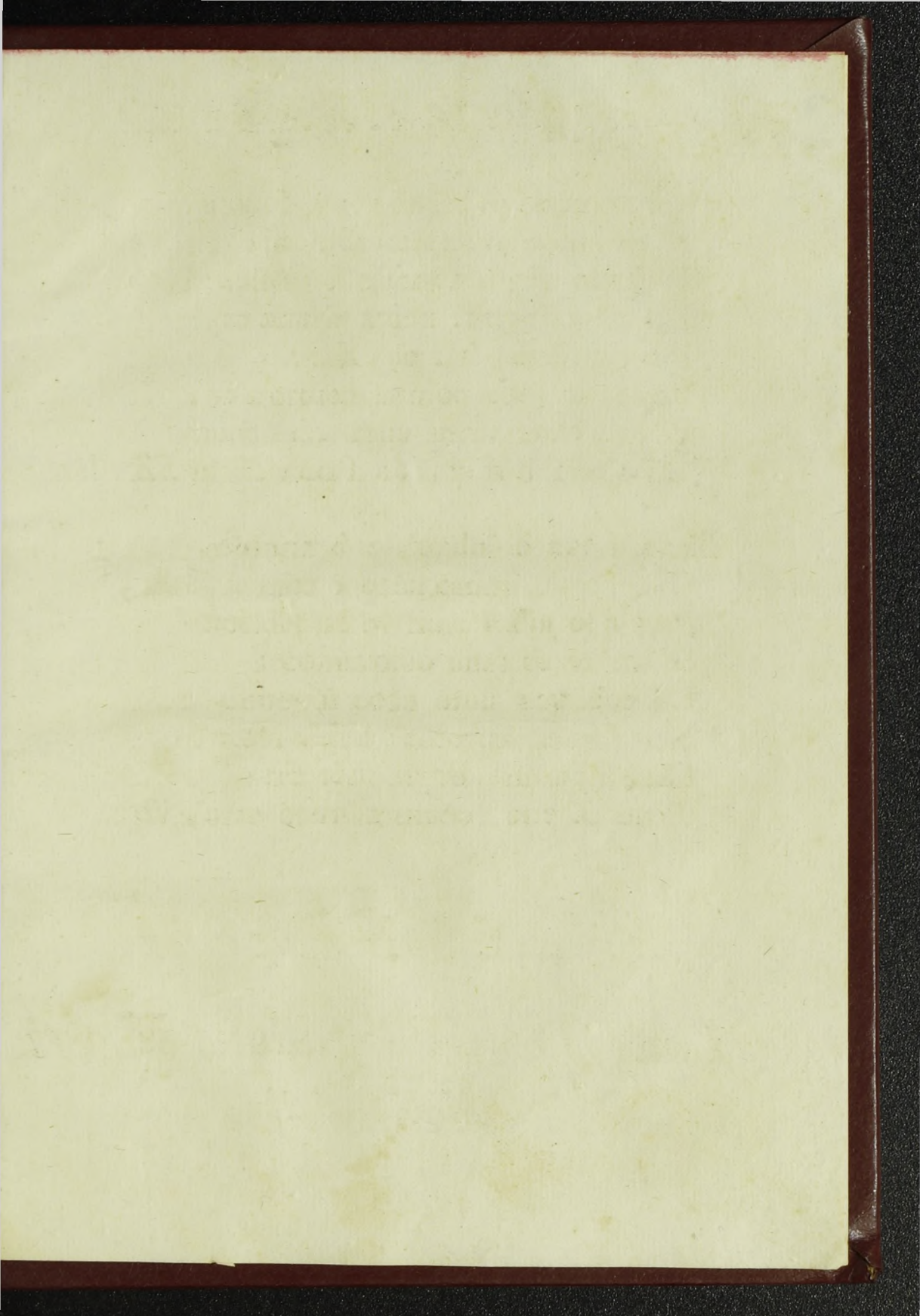
Vivei, porque da Clio a voz sonora
 A elevados assumptos dedicada
 Fassa do negro Occaso à branca Aurora
 Em lingoas vossa Fama dilatada:
 Estatua genial Muza canora
 Erige, à vossa pompa consagrada,
 Para que termineis com luzes bellas
 Cõ o tempo a vida, a Fama cõ as Estrellas.

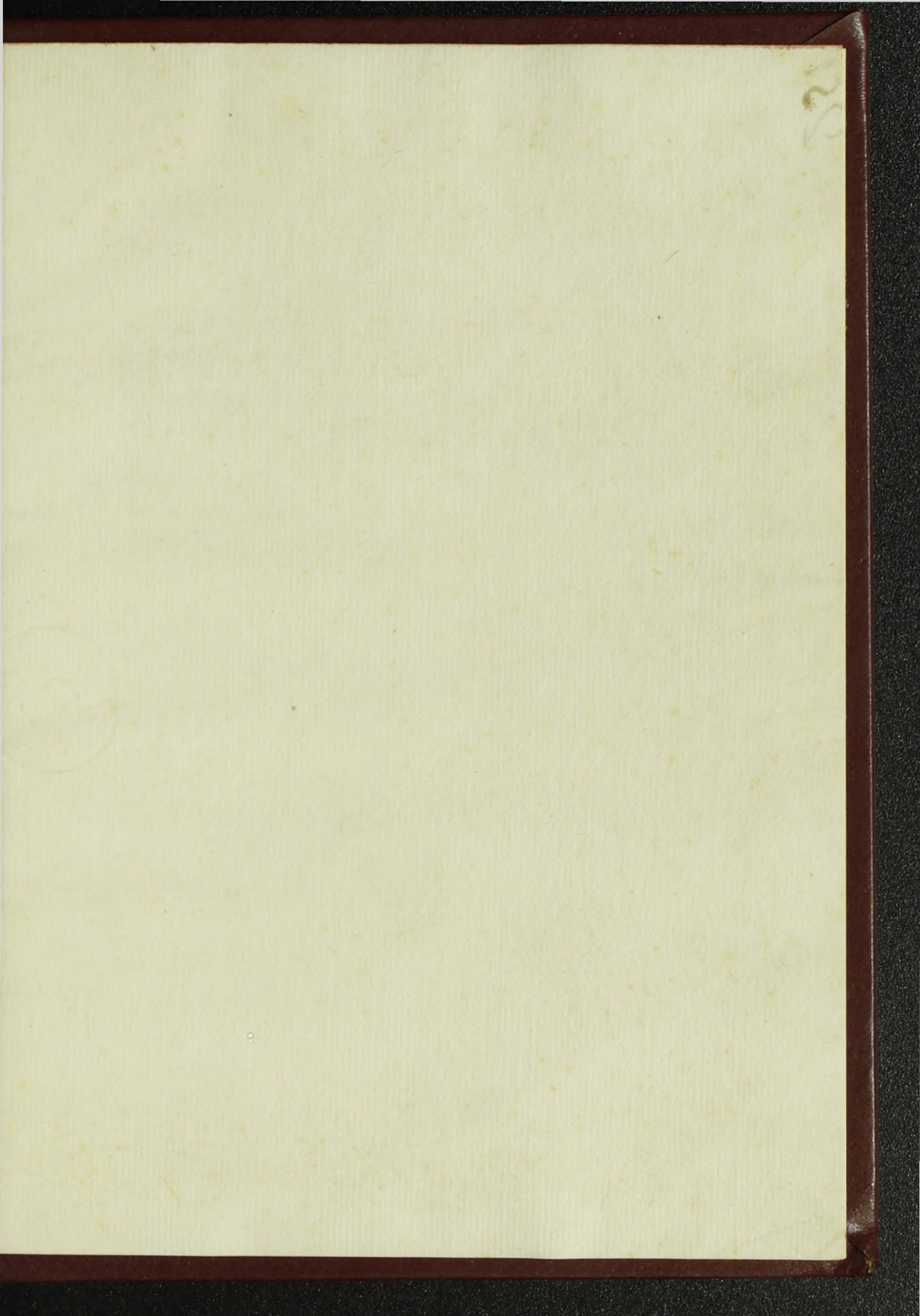
100.

Clama o Porto festivo, e venturoso,
 Que vivaes immortal por toda a idade,
 Para que assim com vosco glorioso
 Se izente da fatal mortalidade:
 De cuja voz hum ecco sonoro
 Nos Orbes repercute a suavidade,
 Clamando em alegria successiva
 Tanto a voz, como o ecco viva, viva.

FINIS

*Laus Deo, Virginique Matri
 à Nativitate.*





157

